

**DESENCONTROS E ENCONTROS SOBRE  
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA À LUZ DA  
PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE**

*Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque<sup>1</sup>  
Ana Suelen Pedroza Cavalcante<sup>2</sup>  
Marcos Aguiar Ribeiro<sup>3</sup>*

Resumo - Estudo exploratório-descritivo de abordagem qualitativa, realizado a partir da pesquisa-ação, cujo objetivo foi abordar o tema extensão universitária, por meio de círculos de cultura influenciados pela pedagogia de Paulo Freire, com estudantes dos projetos de extensão de uma Universidade Pública do Interior do Estado do Ceará. Assim, o estudo desenvolvido, em 2013, a partir de metodologias ativas de ensino-aprendizagem possibilitou o alcance de resultados significativos, que permitiram conhecer a percepção dos estudantes sobre a extensão e a partir de então compartilhar conhecimentos sobre a temática por meio de Círculos de Cultura. Além disso, permitiu que a barreira inconsciente de integração existente entre os estudantes dos cursos de Enfermagem e de Educação Física fosse bem trabalhada pelos participantes do estudo.

Palavras-chave: Extensão. Aprendizagem. Universidades. Formação em Saúde.

---

<sup>1</sup> Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará. Docente do curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Vice-reitora da UVA. E-mail: [izabellemontalverne@gmail.com](mailto:izabellemontalverne@gmail.com).

<sup>2</sup> Discente de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Bolsista de Iniciação Científica e Tecnológica da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP. E-mail: [anasuelen15@hotmail.com](mailto:anasuelen15@hotmail.com).

<sup>3</sup> Discente de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Bolsista de Iniciação Científica e Tecnológica da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP. E-mail: [marcosaguiar61@hotmail.com](mailto:marcosaguiar61@hotmail.com).

## **1 INTRODUÇÃO**

A Constituição da República Federativa do Brasil (1988) traz a educação como um direito de todos e dever do Estado e da família, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o mercado de trabalho. Nesse sentido, encontram-se as Universidades, instituições de ensino superior, provedoras de educação e que têm a incumbência de produzir conhecimento, gerar pensamento crítico, organizar e articular saberes, formar cidadãos e profissionais. Insere-se ainda nesse contexto, seu caráter de instituição social educativa, comprometida com as reais necessidades e aspirações da sociedade.

No que concerne as Universidades, vale salientar a importância da indissociabilidade e da articulação de seus três pilares fundamentais: Ensino, Pesquisa e Extensão, atributos estes, garantidos no artigo 207 da Constituição Brasileira (1988). Dessa forma, a relação intrínseca entre esses eixos da universidade instiga mudanças significativas nos processos de ensino e de aprendizagem, fornecendo dessa maneira arcabouço para que os estudantes extrapolem a formação tecnicista e passem a contemplar seus aspectos sociais, que promovam a conscientização crítica e concedam respaldo ao papel social que deve ser inerente às universidades.

Nesta perspectiva, a responsabilidade social das Universidades é alocada na extensão universitária, que é para o Plano Nacional de

Extensão Universitária o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade. Assim, a extensão universitária possibilita a democratização do conhecimento advindo das academias e, efetivamente, torna-o acessível aos mais variados segmentos da sociedade. Além disso, proporciona retorno à universidade, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. Esse fluxo estabelece a troca de saberes sistematizados entre o meio acadêmico e o popular, e terá como consequência a produção do conhecimento, resultante do confronto com a realidade, e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade (BRASIL, 1999).

Nesse sentido, o processo de aprendizagem passa a basear-se e a depender de observações próprias, de atitudes reflexivas, questionadoras, decorrentes do diálogo e da interação com a realidade, para compreendê-la e transformá-la. O conhecimento existente, ou em construção, é produto de um contexto social determinado que pode ser utilizado tanto no sentido da consolidação das exclusões sociais como da sua eliminação (BRASIL, 2007).

Entretanto é perceptível que ainda há uma indefinição, quanto ao real sentido da extensão, por parte de alguns estudantes, por conseguinte, algumas atividades de extensão desenvolvidas acabam limitando-se a simples disseminação de conhecimentos, prestação de

serviços de maneira assistencialista e realização de eventos de difusão cultural.

A prática extensionista apresenta limitações cuja superação está intimamente atrelada ao tipo de relação que se estabelece com o ator social. A partir de uma perspectiva freiriana de comunicação com a sociedade, é importante destacar três questões centrais à práxis extensionista que frequentemente representam dificuldades a serem superadas. São elas: o seu impacto na transformação social para a superação das opressões; o modo dialógico e horizontal de interação com o ator social; e o caráter democrático, participante e interdisciplinar na produção de conhecimento (MASTELARO *et al*, 2011).

Nesse contexto, a partir da concepção defendida por Paulo Freire, a relação entre a Universidade e a Sociedade deve se dar por uma perspectiva não autoritária, de diálogo e construção conjunta, com vista à transformação da realidade que oprime. Essa relação pressupõe uma extensão universitária comunicativa (FREIRE, 1985).

Assim, o diálogo entre o “agente extensionista” e o “agente social” só se efetiva por uma prática horizontal de construção do saber. Esse diálogo horizontal, por fundamentar-se em respeito mútuo, ao invés de uma ilusória noção de superioridade, também não se presta a uma relação de caráter assistencialista, já que este não reconhece o “agente social” como sujeito de sua própria emancipação,

mas como “recipiente” de um conhecimento nele “depositado” (MASTELARO *et al*, 2011).

Neste ínterim, o debate atual acerca da responsabilidade social universitária, tem ganhado uma posição de destaque e uma dimensão cada vez mais evidente, na qual a extensão tem sido apontada como um significativo mecanismo de aproximação da universidade com a sociedade, no entanto, as fragilidades na prática extensionista limitam sua atuação social. Assim, pensar em uma práxis de Extensão Universitária de inspiração freiriana possibilita a ampliação do olhar quanto ao real sentido da extensão, bem como a incorporação da característica humanizada e sem sobreposição de saberes na forma de atuar na sociedade.

A partir dessas reflexões e do fascínio pela ideia de trabalhar e contribuir para transformação da realidade, e ao alcance de uma maior liberdade política e cultural do compartilhamento de conhecimentos com os participantes dos projetos de extensão, culminou na escolha de se ter a pedagogia de Paulo Freire como marco teórico e metodológico deste estudo (FERNANDES; BACKES, 2010).

Com vista, as reflexões teóricas, os cenários de práticas e o estímulo a pesquisa, enquanto prática educativa, objetivou-se abordar o tema extensão universitária através de círculos de cultura à luz da pedagogia de Paulo Freire com os estudantes de enfermagem e educação física, participantes dos projetos de extensão do Centro de

Ciências da Saúde de uma Universidade Pública do Interior do Estado do Ceará.

## **2 METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo exploratório-descritivo de abordagem qualitativa, a partir da metodologia da pesquisa-ação. Os objetivos da pesquisa-ação podem ser de caráter instrumental, quando visa resolver um problema prático, de ordem técnica; de tomada de consciência, quando visa desenvolver a consciência coletiva a respeito de problemas enfrentados; e de produção de conhecimento, que não seja útil apenas para a coletividade considerada na investigação local. Pode-se enfatizar os três aspectos, mas, geralmente, um ou outro é alcançado em detrimento dos outros, entretanto, pode ser que se alcance os três mediante um maior amadurecimento metodológico (THIOLLENT, 1986).

Na área educacional, a pesquisa-ação tem como “criador” deste estilo alternativo de pesquisa e ação educativa, em toda a América Latina, Paulo Freire (GAJARDO, 1985). Onde se busca investigar a realidade, diante de problemas que enfrenta-se na prática do ensinar e do aprender. Paulo Freire propõe um método de pesquisa alternativa em que se aprende a fazer melhor esta pesquisa através da ação. No entender do autor, fazendo pesquisa-ação, o pesquisador educa e está ao mesmo tempo se educando. E ao voltar para colocar

em prática os resultados da pesquisa, ele está, além de educando e sendo educado, pesquisando outra vez, em um permanente e dinâmico movimento de pesquisar e educar (FREIRE, 1984).

A pesquisa foi realizada em 2014, em uma Universidade Pública do Interior do Estado do Ceará. As reflexões iniciais surgem das observações realizadas por estudantes de graduação de enfermagem, que estimulados por uma atividade pedagógica oriunda do módulo de Práticas Interdisciplinares em Ensino, Pesquisa e Extensão, onde verificou-se 27 projetos cadastrados na Pró-Reitoria de Extensão desta Universidade, sendo 19 do curso de Educação Física e oito do curso de Enfermagem. Entretanto, apenas três projetos de extensão do curso de Enfermagem e sete do curso de Educação Física estavam em atividade.

Quanto a participação dos sujeitos do estudo, estes atenderam aos seguintes critérios de inclusão: estar regularmente matriculado na Universidade; ser maior de 18 anos; estar cursando a partir do terceiro semestre da graduação; participar de pelo menos um dos projetos de extensão regularmente cadastrados na Pró Reitoria de Extensão da Universidade; Ter participado de no mínimo seis meses do Projeto e ter pelo menos uma atividade de extensão fora da Universidade; Aceitar participar do estudo e ter disponibilidade para participar dos encontros marcados. Dessa forma, participaram da pesquisa dez estudantes dos projetos de extensão em atividade.

Optou-se pela escolha dos estudantes que estivessem cursando a partir do terceiro semestre da graduação e estivessem a mais de seis meses participando de um projeto de extensão, por considerar que estes já tiveram tempo para se aproximar dos conceitos da extensão e oportunidade para vivenciarem alguma atividade extra universidade. Depois de uma pré-seleção realizada a partir dos critérios de inclusão especificados acima, foi escolhido por meio de sorteio, um integrante estudante de cada Projeto de Extensão e que atendeu aos critérios expostos.

Nessa perspectiva, o percurso metodológico da pesquisa foi organizado em cinco Momentos: 1º Momento: Formação do Grupo; 2º Momento: Grupo Focal; 3º Momento: Levantamento do Universo Temático (Vocabular); 4º Momento: Intervenção Educativa; 5º Momento: Avaliação.

O primeiro momento constituiu-se na formação do grupo. Este grupo foi formado apenas por estudantes participantes dos projetos de extensão e que atenderam aos critérios de inclusão dos sujeitos da pesquisa dispostos anteriormente.

Em seguida, utilizou-se o Grupo Focal como método para subsidiar o levantamento dos problemas e o conhecimento do Universo Vocabular, de forma a encontrar os temas geradores.

Dessa forma, a partir dos temas geradores, houve a elaboração de um plano didático-pedagógico para o desenvolvimento das intervenções educativas por meio dos círculos de cultura. Vale

ressaltar, que este plano didático-pedagógico foi flexível e mutável, onde novos temas geradores apareceram no decorrer dos encontros, de forma que o coletivo contribuiu para o processo de escolha dos temas, quantidade de encontros e execução das atividades.

A partir de então, foi construído o quarto momento, onde foram desenvolvidos os círculos de cultura, espaço destinado para ações/intervenções educativas. Esta técnica didática aconteceu de forma participativa, integrativa e dialógica, contrapondo-se a concepção bancária (tradicional) e influenciada pela concepção conscientizadora, humanística e libertadora do ato de educar (FREIRE, 1997).

Nesse sentido, realizaram-se dois círculos de cultura, onde foram desenvolvidos os temas geradores, de forma, a trabalhar técnicas de dinâmicas de grupo como discussão, debate e simulação de casos, baseados no referencial de Paulo Freire.

A escolha por desenvolver o método do Círculo de Cultura, visou buscar uma vivência participativa com ênfase no diálogo, campo profícuo para a reflexão-ação na elaboração coletiva de uma proposta sistematizada para uma educação em saúde emancipatória (BRANDÃO, 2005).

O quinto momento consistiu-se em um processo de avaliação, que ocorreu no final de cada círculo de cultura como forma de avaliar o momento, as dinâmicas de grupo e o conhecimento compartilhado, bem como suscitar reflexões e conduzir os próximos encontros. Além

disso, utilizou-se o processo avaliativo ao final da pesquisa, de forma a identificar e sistematizar nos resultados, as contribuições/transformações que os círculos de cultura implementados trouxeram para os participantes e os projetos de extensão a qual pertencem.

Vale salientar, que os sujeitos concederam aquiescência ao estudo por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O estudo obteve parecer favorável pelo Comitê de Ética em Pesquisa no mês de setembro do ano de 2013 a partir da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012).

### **3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

As intervenções educativas ocorreram a partir da investigação temática, desencadeada pelo grupo focal, que contribuíram para a composição dos temas geradores trabalhados nos dois círculos de cultura.

O Círculo de Cultura é uma técnica grupal proposta por Paulo Freire. Consistindo-se ainda em um método educativo fundamentado na pedagogia libertadora e problematizadora proposta pelo teórico, onde todas as pessoas que o integram participam por meio do diálogo, leem, escrevem, discutem e constroem o mundo em que vivem (FREIRE, 2005).

Vale salientar ainda, que a investigação temática foi retomada junto com a tematização e a problematização no desenvolvimento de cada círculo de cultura, haja vista que o referencial aplicado se caracteriza pela circularidade e a inter-relação das fases que compõem os círculos. Em seguida, ao término de cada oficina houve uma avaliação da estratégia/metodologia utilizada.

## **4 INTERVENÇÕES EDUCATIVAS**

### **4.1 Círculo de Cultura: Construindo o real sentido da extensão**

Este círculo de cultura teve o objetivo de discutir o real sentido da extensão universitária, de forma a construir coletivamente um conceito significativo para os atores deste círculo.

A princípio foi realizada uma técnica de animação para a sensibilização, com a realização de exercícios de alongamentos a fim de deixar as pessoas mais próximas e minimizar as áreas de tensão muscular.

A composição do espaço foi pensada de forma a possibilitar um ambiente acolhedor, por meio de tapetes coloridos e mandalas para ornamentação, ambos com a finalidade de desconstruir o tradicional e muitas vezes bancário espaço da sala de aula. Dessa forma, buscou-se então instigar o diálogo horizontal, de forma a romper com este modelo educacional de educação bancária que segundo Freire constrói uma forma de alienação e torna a educação

um simples ato de depositar. Enquanto, a forma de organização horizontal e democrática dos círculos de cultura qualifica o debate e promove o diálogo entre os diversos sujeitos que articulam, ressignificam saberes e constroem conhecimentos, de forma coletiva e colaborativa (FREIRE, 1971; XAVIER; XAVIER, 2012).

Para alcançar o objetivo deste círculo de cultura, o coletivo foi dividido em três grupos. E para instigar a discussão e a construção das sínteses criativas, utilizou-se dos sentidos a partir da leitura, de imagens e de material audiovisual.

O primeiro grupo recebeu como referência três trechos, o primeiro trazia o conceito de extensão a partir do Plano Nacional de Extensão Universitária<sup>3</sup>, o segundo trazia o conceito e algumas dificuldades da prática da extensão universitária a partir do referencial de Mastelaro<sup>4</sup> e o terceiro trecho trazia o sentido de conhecimento e aprendizado a partir do referencial de Freire (FREIRE, 1971).

Assim, o primeiro grupo utilizou da leitura como ferramenta de discussão para a construção da síntese criativa. O segundo grupo ficou com três imagens que representavam atividades de três projetos de extensão fictícios, que possuíam somente atividades assistencialistas ou atividades de pesquisa, ambas com pouco ou nenhum contato com a comunidade. E o terceiro grupo foi instigado a partir de uma adaptação do material audiovisual produzido na disciplina de Vídeo Institucional da PUC Minas (NICOLSKY *et al*, 2012), que aborda o tema extensão universitária a partir da história de Sofia, personagem

que mora em uma ilha isolada do continente e que vive com seus livros estudando. Todavia a mesma conhece o continente e passa a identificar que a convivência com a comunidade traz vários aprendizados e amplia seus conhecimentos, proporcionando assim, uma analogia à extensão universitária e ao rompimento dos muros da universidade.

Após a divisão dos grupos, os participantes discutiram e prepararam uma síntese criativa para o coletivo. A síntese criativa é uma forma de integrar os aspectos da problematização com a criatividade, o que possibilita o compartilhamento do que foi discutido em grupo e instiga a proposição e a transformação. Freire corrobora com esta afirmação ao colocar a importância da experiência criativa no processo de aprendizado e de compreensão (FREIRE, 2001).

O primeiro grupo utilizou fantoches para compor duas dramatizações antagônicas. A primeira cena mostrava um estudante dentro de um serviço de saúde realizando aferição de pressão arterial na sala de espera. Neste sentido, discutiu-se o caráter predominantemente assistencialista de muitos projetos de extensão, de forma a comparar o que foi representado com as experiências dentro dos projetos de extensão.

A extensão precisa romper com esse mero assistencialismo identificado em muitos projetos de extensão e foi com essa intenção que um dos objetivos traçados no I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão foi buscar a superação dessa dimensão de

prestação de serviços assistencialistas e redimensionar a perspectiva de uma relação mais dialógica entre universidade e sociedade, com oportunidade de troca de saberes (NOGUEIRA, 1987).

Na segunda cena, o primeiro grupo trouxe um estudante extensionista realizando além de atividades assistenciais, a escuta da comunidade, de forma a mostrar o estudante como um agente transformador capaz de ressignificar o espaço do serviço de saúde, em ação com a comunidade de maneira humanizada e coerente com a realidade local.

O conhecimento técnico auxilia o acadêmico e o instrumentaliza na busca pela experimentação da prática profissional. No entanto, diante da complexidade do processo saúde-doença ressalta-se que ele deve contemplar muito mais que as habilidades técnicas, que são importantes para a prática profissional em saúde, mas que são insuficientes para promover mudanças consistentes nos fatores condicionantes e determinantes da saúde, bem como para sustentação dos preceitos do Sistema Único de Saúde (SUS) (BISCARDE, 2014).

A partir da interpretação das imagens, o segundo grupo propôs uma síntese criativa por meio de um painel de recortes de revistas que representavam a união e a integração das áreas do conhecimento, de forma a construir a interdisciplinaridade.

Ainda na graduação há uma dificuldade de se trabalhar de forma interdisciplinar e interprofissional sendo este resultado de uma

formação educacional muitas vezes fragmentada. Nesse sentido, acredita-se que a colaboração interdisciplinar e interprofissional deve ser o eixo estruturante dos cursos da área da saúde, de forma a possibilitar ainda na graduação a percepção de coletividade e colaboração que deve existir entre os profissionais das diversas áreas (SILVA, 2011).

Além disso, o segundo grupo trouxe para discussão a questão de muitas atividades dos projetos de extensão serem limitadas à pesquisa, o que descaracteriza o sentido de extensão universitária.

A extensão tem a incumbência de reverberar o saber que é produzido no interior das universidades para a sociedade em geral. Nesta perspectiva, enfatiza-se que a universidade tem a obrigação e a responsabilidade de reproduzir sua pesquisa amplamente à toda a sociedade, tornando o saber democrático. Dessa forma, a atitude de manter a produção científica e as descobertas do ensino presas em prateleiras e arquivos não se harmoniza com as políticas de extensão, que são justamente a ponte para o diálogo entre a universidade e a sociedade (LEÃO, ALMEIRDA, 2011).

O terceiro grupo utilizou como técnica, o Teatro do Oprimido de Augusto Boal, utilizando o material audiovisual disponibilizado anteriormente como subsídio de inspiração da síntese criativa. O viés artístico disseminado por Boal perpassa pela crítica de questionamento da realidade, pela busca por ultrapassar as práticas espontâneas que tendem a reproduzir os mesmos valores hegemônicos e a destituir a

libertação social. Assim, acredita-se que o processo educativo que possui como base teórica os estudos de Freire e Boal, objetiva proporcionar a formação de sujeitos críticos, conscientes e construtores da história e da sociedade, garantindo a formação integral (BOAL, 1977).

Um dos membros do grupo encenou o “Mundo de Sofia”. Para a encenação a equipe participante dispusera no chão cinco papéis que continham as palavras: Diferenças; Pobreza; Sonhos; Oportunidade; e Conhecimento, e em um papel madeira desenharam uma ilha e escreveram a seguinte frase na frente: “Eu morava em uma ilha...” e no verso: “Daí resolvi conhecer outro mundo!”.

Em seguida, um dos membros da equipe colocou-se à frente de todos e em silêncio enrolou-se com o papel madeira preparado anteriormente e com o dedo indicador perpassou a frase escrita na frente da folha como sinal de que se precisava ultrapassar aquelas barreiras de espaço muitas vezes impostas, até chegar a frase do verso, que representa o momento em que o ser humano desperta para o novo, onde se permite conhecer a si próprio e aos outros.

Ao realizar uma análise comparativa da história com a extensão, entende-se que as pessoas precisam sair da sua zona de conforto, igual fez a menina Sofia, pois é no confronto dessa realidade e a partir da experimentação que se produz conhecimento. Compreende-se então que a teoria é reflexo da prática e que só há a existência daquele conhecimento teórico, porque algum dia alguém já

fez aquilo na prática, mostrando assim complementaridade, interdependência e distinção desses dois componentes. Segundo Gamboa (2007) não se pode conceber a teoria separada da prática, uma vez que a existência delas depende da relação mútua entre ambas. É a própria relação entre elas que possibilita a sua existência.

Posteriormente, os grupos foram desfeitos e todos ficaram em roda. A partir de então, propôs-se que o coletivo discutisse e construísse coletivamente um conceito/sentido significativo de extensão universitária, tendo como referencial as sínteses criativas apresentadas.

O coletivo ressignificou a extensão universitária como um mecanismo de retorno para a sociedade dos conhecimentos aprendidos dentro da sala de aula, de forma que os saberes cheguem à sociedade para transformar e voltem à universidade para formar estudantes mais preparados.

### **4.2 Círculo de Cultura: Interdisciplinaridade e Extensão Universitária**

O segundo círculo de cultura teve o objetivo de trabalhar a interdisciplinaridade uma vez que a formação profissional principalmente na graduação ainda ocorre de maneira isolada de acordo com cada especificidade, sem preparar os futuros profissionais para o trabalho interdisciplinar. Por isso, procura-se integrar às ações

profissionais dos mais diversos saberes, articulando os saberes específicos das diversas áreas (SCHNEIDER *et al*, 2009).

Os participantes foram acolhidos em uma sala. A acolhida e animação do círculo de cultura foi realizada mediante uma dinâmica de quebra-gelo denominada de “emboladão” que teve como objetivo aproximar os participantes e propor discussões quanto ao trabalho em equipe.

Ao som de uma música foi solicitado que os participantes formassem um círculo de mãos dadas e que em seguida desfizessem o círculo e caminhassem aleatoriamente pela sala a fim de proporcionar um momento de tranquilidade. Entoaram-se ainda palavras positivas e otimistas que emitissem paz aos envolvidos.

Em seguida, solicitou-se que eles parassem e de onde eles estavam dessem as mãos para as mesmas pessoas que estavam ao lado no círculo anteriormente. Assim, todos ficaram “misturados” e entrelaçados uns aos outros. Concederam-se então alguns minutos, para que sem soltarem as mãos um dos outros, eles pudessem formar novamente o círculo.

Auxiliando uns aos outros, ouvindo o outro e concedendo sugestões conseguiram pouco antes do prazo terminar de desentrelaçar e ficar no círculo. Depois deste momento, propôs-se uma reflexão sobre o ocorrido. E em círculo iniciou-se o momento de problematização, a fim de que eles criticamente pudessem trocar com os outros, o que estavam pensando sobre aquele momento. A

problematização proporciona ao educando ser considerado merecedor de saberes tão importantes quanto o saber técnico, o que valida uma construção de conhecimento como possibilidade de autonomia e mudança social (SCHNEIDER *et al*, 2009).

Solicitou-se ainda que eles escrevessem em um balão uma palavra que representasse o que foi aquele momento para eles na perspectiva da interdisciplinaridade. Assim, os balões constituíram-se como temas geradores e foram formadas duas equipes para a construção das sínteses criativas. A primeira equipe ficou com as palavras: Trabalho em equipe e Trabalho Coletivo e a segunda equipe ficou com as palavras: Companheirismo, Compartilhar, Cooperação e União.

A primeira equipe apresentou uma dinâmica, onde foram colocados papéis de diferentes cores no chão. Uma pessoa conduziu a dinâmica e solicitou que os participantes andassem em círculo e toda vez que ela batesse palma tinham que permanecer em um papel, sendo que não poderia permanecer mais de uma pessoa em cada folha de papel. A cada nova rodada era retirada uma folha de modo que a quantidade de papéis sempre era menor do que a quantidade de participantes. Assim, alguém sempre era excluído da brincadeira, restando apenas uma pessoa.

Depois, todas as pessoas que haviam sido excluídas anteriormente retornaram, e a regra passou a ser diferente: retirar uma folha de papel a cada vez que a pessoa que conduzia batesse palma, no

entanto, poderia ficar mais de uma pessoa em uma folha. No final, estavam todos agrupados em três folhas de papel, auxiliando uns aos outros para que ninguém permanecesse fora.

Ao final questionaram a todos sobre como se sentiram nas duas ocasiões. Na primeira, relataram que foi um sentimento de competição em que precisavam garantir o seu espaço e na segunda foi um sentimento de solidariedade em que precisavam auxiliar o outro.

Com a dinâmica foi perceptível ainda dois sentidos para a palavra exclusão, segundo uma das participantes. Na primeira vez excluíram-se pessoas e na segunda vez por meio do trabalho em equipe excluiu-se a própria exclusão, uma vez que ajudaram todas as pessoas a permanecerem.

Pode-se afirmar que este foi um momento singular, onde ocorreu um processo reverso na facilitação deste círculo, em que os participantes do estudo facilitaram o momento e instigaram os facilitadores/pesquisadores a se integrarem na dinâmica da síntese criativa.

Assim, buscou-se proporcionar um espaço de ensino-aprendizagem horizontal, onde se permitisse a troca de saberes entre os atores envolvidos e que respeitasse suas diferentes visões de mundo. No entanto, o processo de ensino-aprendizagem ainda é muitas vezes verticalizado, contaminado pela educação bancária, no qual alguém assume o papel de transmissor de informação e o outro de receptor, havendo apenas a reprodução de conhecimentos.

Entende-se assim a necessidade do ensino problematizador, no qual o sujeito possa refletir sobre sua atuação e interação com o mundo em seus diversos aspectos históricos e constantes transformações (MORETTI-PIRES *et al*, 2010). É nesta perspectiva que a execução de atividades flexíveis que utilizam metodologias participativas permite o desenvolvimento de participantes autônomos e o surgimento de movimentos inovadores no grupo (WUO *et al*, 2010).

A segunda equipe apresentou em forma de dramatização. A cena ocorre em um consultório de Enfermagem, onde uma senhora do interior profere inúmeras queixas à enfermeira. A profissional reconhece que necessita do auxílio de profissionais de outras categorias e convida uma nutricionista e uma assistente social para debater sobre o caso da senhora.

O profissional de saúde precisa entender as limitações de suas ações individuais e isoladas de modo a ampliar os referenciais com que trabalha para atender as necessidades do usuário, contribuindo para uma atenção integral. A atenção multiprofissional concedida aos usuários dos serviços de saúde é fundamental para o sucesso do tratamento (WUO *et al*, 2010; KELL; SHIMIZU, 2010).

Foi proposta ainda mais uma dinâmica, denominada de Teia, para fomentar a articulação entre os membros dos projetos de extensão que estavam participando, de modo que fosse um estímulo para a de troca conhecimentos e o auxílio mútuo fora daquele espaço proporcionado pelos círculos de cultura.

Neste sentido, cada participante se ligou metaforicamente aos demais por uma linha que representava a possibilidade de articulação entre eles. Depois que cada participante disse qual e como o projeto poderia se articular entre si, formou-se um emaranhado em uma verdadeira teia de inter-relação.

A interação dos diversos saberes proporcionará novas relações, que levam tanto a troca quanto ao estreitamento das relações entre os indivíduos e favorece a construção do conhecimento (SCHNEIDER *et al*, 2009). Assim, a interdisciplinaridade se faz necessária em toda ação, no sentido de uma melhor compreensão da realidade e de tomada de decisão.

Este momento foi importante para que os participantes pudessem trocar experiências e reafirmar o compromisso de multiplicarem em seus respectivos projetos de extensão o que haviam vivenciado durante os círculos de cultura.

### **4.3 Avaliação das Intervenções Educativas**

A avaliação do círculo de cultura foi importante para que se perceba como está a aprendizagem e elaboração das atividades desenvolvidas por seus integrantes, além de oferecer subsídio para o planejamento de ações futuras (WUO *et al*, 2010). Dessa forma, essa etapa constitui-se como um exercício de reflexão para se obter um

retorno sobre a contribuição da atividade e necessidade de aprimoramento da mesma.

A partir dos relatos dos sujeitos da pesquisa observou-se que os círculos de cultura além de proporcionarem um espaço de conhecimentos e trocas de experiências, possibilitaram que os participantes pudessem se expressar livremente de acordo com o que sentiam na ocasião. Segundo Guimarães *et al* (2009), a horizontalidade proporciona um espaço plural e inclusivo, aberto à diversidade e ao compartilhamento solidário de conhecimento, onde ocorre a superação de hierarquias e de relações de dominação tão fortemente arraigadas na sociedade, que estabelecem relações dialógicas entre os indivíduos.

Além disso, os participantes concediam sugestões para o próximo encontro, de tal maneira que sentiam e tornavam-se sujeitos ativos e relevantes para todo o processo de construção dos círculos de cultura. Assim, os acadêmicos encontraram no círculo de cultura um momento de autoconhecimento, onde perceberam as suas potencialidades enquanto sujeitos protagonistas do processo de ensino-aprendizagem.

Quando a prática educativa surge de uma educação transformadora, fundamentada no diálogo e no exercício da consciência crítica, as mudanças aparecem como resultado de uma realidade em que as pessoas envolvidas no processo tornam-se participativas e a sua conscientização passa a ter sentido de auto

avaliação, crítica e reflexiva de sua prática de educação (MONTEIRO *et al*, 2005).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Assim o estudo desenvolvido com os estudantes de projetos de extensão universitária, a partir da incorporação de metodologias ativas, possibilitou a construção de um espaço de compartilhamento de saberes, de forma a mediar uma relação horizontal entre pesquisador e pesquisados, como também contribuir para a redução das barreiras do modo relacional de dominação e subordinação na pesquisa científica.

O estudo permitiu também a integração entre os estudantes dos cursos de Enfermagem e da Educação Física, participantes do estudo, instigando a interdisciplinaridade e a sensibilização dos estudantes quanto ao reconhecimento de que a extensão é uma potente estratégia de práxis educativa.

A partir do exposto, acredita-se que há uma necessidade de se promover mais pesquisas de intervenção para acessar a comunidade acadêmica. Espera-se então que esta pesquisa sirva de fomento para futuras investigações nas quais se possam avaliar a extensão universitária.

## DISAGREEMENTS AND MEETINGS ABOUT UNIVERSITY EXTENSION UNDER THE PEDAGOGY OF PAULO FREIRE

*Abstract - An exploratory descriptive with qualitative approach study, conducted from research-action, which its aim was to address the issue of university extension through culture circles influenced by Paulo Freire's pedagogy with students of extension projects at a public university at the countryside of Ceará state. Thus, the study developed in 2013 from active teaching and learning methodologies enabled the achievement of significant results, which allowed us to know the students' perception of the extension and thereafter share knowledge on the subject through Culture Circles. Furthermore, it enabled the unconscious barrier to integration existing between students of Nursing and Physical Education to be outdated by the study's participants.*

*Keywords: Extension. Learning. Universities. Health Formation.*

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISCARDE, D.G.S; PEREIRA-SANTOS, M.; SILVA, L.B. Formação em saúde, extensão universitária e Sistema Único de Saúde (SUS): conexões necessárias entre conhecimento e intervenção centradas na realidade e repercussões no processo formativo. **Interface (Botucatu)**, v.18, n.48, p. 177-86. 2014.

BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BRANDÃO, C.R. **O que é método Paulo Freire**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Plano Nacional de Extensão**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras**. Universidade Federal de Minas Gerais – PROEX: COOPMED Editora, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de saúde. **Resolução 466/12**. Brasília: Ministério da saúde; 2012.

FERNANDES, M.C.P; BACKES, V.M.S. Educação em saúde: perspectivas de uma equipe da Estratégia Saúde da Família sob a óptica de Paulo Freire. **Rev Bras Enferm.**, v.63, n.4, p. 567-73.2010.

FREIRE, P. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, C.R. (Org.). **Pesquisa participante**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 34-41.

FREIRE, P. **Educação Bancária e educação libertadora**. In: Patto MH, organizadores. Introdução à psicologia escolar. São Paulo: T.A. Queiroz, 1971. p.61-77.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P. O papel da educação na Humanização. **Rev. Faecba.**, v.5, n.7, p. 9-18. 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 42<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estud. av.**, v.15, n.42, p. 259-268. 2001.

GAJARDO, M. Pesquisa participante: propostas e projetos. In: BRANDÃO, C.R. (Org). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 15-50.

GAMBOA, S.S. organizador. **Epistemologia da Educação Física: as inter-relações necessárias**. Maceió: EDUFAL, 2007. p. 31-45.

GUIMARÃES, M., et al. Educadores Ambientais nas Escolas: As Redes como Estratégia. **Cad. Cedec.**, v.29, n.77, p. 49-62. 2009.

KELL, M.C.G.; SHIMIZU, H.E. Existe trabalho em equipe no Programa Saúde da Família? **Ciência & Saúde Coletiva.**, v.15, n.1, 1533-1541. 2010.

LEÃO, R.S.C.; ALMEIDA, M.G.A.A. **Extensão universitária e desenvolvimento local – o diálogo entre a UFRPE e as comunidades circunvizinha**. Pernambuco: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; 2011.

MASTELARO, C.; OTERO, G.A.P.; BRAGA, R.S.; FIRBIDA, T.P., SANTOS, TH. Extensão em relações internacionais: por uma nova práxis. **Rev. Direito & Sensibilidade**, v.1, n.1, p.29-40. 2011.

MONTEIRO, E.M.L.M. et al. A visão ecológica: uma teia na enfermagem. **Rev Bras Enfermagem.**, v.58, n.3, p. 341-4. 2005.

MORETTI-PIRES, R.O., et al. Potencialidades da Problemática Freireana no Ensino de “Didática em Enfermagem”. **Cogitare Enferm.**, v.15, n.2, p. 308-13. 2010.

NICOLSKY, A., et al. **PROEX** [vídeo]. São Gabriel: PUC Minas; 2012.

NOGUEIRA, M.D.P (Org). **Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas** – Documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras 1987 – 2000. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 1987. p. 11-18.

SCHNEIDER, J.F. et al. Concepção de uma equipe de saúde mental sobre interdisciplinaridade. **Rev Gaúcha Enferm.**, v.30, n.3, p. 397-405. 2009.

SILVA, R.H.A. Educação interprofissional na graduação em saúde: aspectos avaliativos da implantação na Faculdade de Medicina de Marília (Famema). **Educar em Revista.**, v.1, n.39, p. 159-175. 2011.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa ação**. São Paulo: Cortez Editora, 1986.

WUO, A.S. et al. ‘Viver é conviver’: sobre a construção de saberes e experiências entre crianças com diabetes. **Revista Diálogos: construção conceitual de extensão e outras reflexões significativas**, v.14, n.1, p. 63- 72. 2010.

XAVIER, J.T.P; XAVIER, P.A.M. **Ler, Interpretar e Agir: um Círculo de Cultura Fora do Eixo.** Bauru: Universidade Estadual Paulista; 2012.